

RÉPLICA AO ARTIGO “VAN FRAASSEN, A INFERÊNCIA DA MELHOR EXPLICAÇÃO E A MATRIXREALISTA”, DE ALESSIO GAVA

A REJOINDER TO ALESSIO GAVA’S “VAN FRAASSEN, A INFERÊNCIA DA MELHOR EXPLICAÇÃO E A MATRIXREALISTA”

Marcos Rodrigues da Silva¹
Debora Minikoski²

Recebido em: 04/2021
Aprovado em: 11/2021

Resumo: o breve artigo é uma réplica à resposta de Alessio Gava ao artigo “Van Fraassen e a inferência da melhor explicação”, publicado em *Problemata* (v. 7. n. 1, 2016), de autoria de Marcos Rodrigues da Silva e Debora Minikoski.

Palavras-chave: Alessio Gava; empirismo construtivo; realismo.

Abstract: this short paper shows puts forward a reply for Alessio Gava's critique of the paper “Van Fraassen and the inference of the best explanation”, published in *Problemata* (v. 7. n. 1, 2016), by Marcos Rodrigues da Silva and Debora Minikoski.

Key words: Alessio Gava; constructive empiricism; realism.

No artigo “Van Fraassen e a inferência da melhor explicação”, publicado na revista *Problemata* (v. 7. n. 1, 2016) Marcos Rodrigues da Silva e Debora Minikoski ofereceram um panorama reconstrutivo das várias formas de objeções dirigidas pelo filósofo empirista construtivo Bas van Fraassen à inferência da melhor explicação, procurando mostrar suas origens em *The Scientific Image* (van Fraassen, 1980) e seu desenvolvimento posterior em sua obra de 1989, *Laws and Symmetry*. Dentre as objeções que foram discutidas, ocupou um papel de destaque a distinção entre entidades observáveis e entidades inobserváveis, distinção essa,

¹ Doutor em Filosofia e Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mrs.marcos@uel.br

² Debora Minikoski (Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina. e-mail: debora.minikoski@gmail.com)

como se sabe, célebre na obra do grande filósofo empirista construtivo.

Este artigo foi gentilmente criticado pelo filósofo Alessio Gava, em artigo também publicado em *Problemata* (v. 10, n. 1, 2019), “Van Fraassen, A Inferência da Melhor Explicação e a Matrixrealista”. (Antes de prosseguirmos, ressalte-se a importância da revista, entre outras razões, por fomentar o debate em torno de temas fundamentais (no caso, de filosofia da ciência).

O excelente artigo de Gava levanta muitas questões interessantes não apenas sobre os fundamentos do artigo de Silva e Minikoski, mas também sobre o empirismo construtivo de van Fraassen e mesmo sobre filosofia da ciência. Gava apresenta várias críticas ao artigo de Silva e Minikoski, nos quais nos deteremos aqui em três pontos: i) sua atribuição de uma posição filosófica dos autores (aparentemente Gava os considera realistas); ii) sua correta menção a uma lacuna na argumentação de Silva e Minikoski, a saber, a de que os autores não mencionaram a existência de cientistas antirrealistas; iii) seu questionamento quanto à importância da metodologia científica apontada pelos autores como uma plataforma para dirimir questões como a crítica de van Fraassen à crítica da inferência da melhor explicação. Nesta réplica a Gava nos deteremos nestes três pontos (que, reiteramos, não esgota a relevância dos temas por ele articulados em seu artigo).

Começamos então pelo ponto (i): a atribuição de realismo a Silva e Minikoski.

Segundo Gava (2019, p. 269), “Minikoski e Rodrigues da Silva não escondem suas simpatias pelo lado realista”. Evidentemente, em função das referências utilizadas por Silva e Minikoski, é legítima a impressão de que haveria uma “simpatia” dos autores pelo realismo. Contudo, duas observações são importantes.

Em primeiro lugar, o realismo foi utilizado tão somente como uma crítica ao empirismo construtivo, não tendo sido, a rigor, adotado pelos autores como uma posição. Em segundo lugar, a crítica à distinção observável/inobservável (ainda que fora do ambiente da discussão acerca da inferência da melhor explicação) poderia ser feita a partir de outros referenciais não realistas, como Thomas Kuhn, Paul Feyerabend, abordagens sócio-construtivistas etc. Concluindo, não está em questão a “simpatia ao realismo” atribuída por Gava, senão simplesmente que o realismo é *uma* das formas de se criticar a distinção observável/inobservável (e foi a forma escolhida por Silva e Minikoski).

Quanto ao ponto (ii): os autores não mencionaram a existência de cientistas antirrealistas. De um ponto de vista descritivo, Gava está absolutamente correto – em momento algum do artigo de Silva e Minikoski se encontra esta menção. Ocorre, contudo, que o artigo

não tinha este objetivo. Porém, evidentemente, seria possível argumentar, como interpretamos as colocações de Gava, que isto de fato incide nesta questão. Neste sentido, entendemos sim (e isto está fartamente exposto na literatura) que existem cientistas antirrealistas. Um claro exemplo disso se encontra nos primórdios da genética clássica, na qual alguns geneticistas (como William Bateson e Wilhem Johannsen) não acreditavam na existência de genes. Contudo, reiteramos, tal discussão não ocupou o artigo.

Quanto ao ponto (iii): a importância da metodologia científica apontada por Silva e Minikoski como uma plataforma para dirimir questões como a crítica de van Fraassen à crítica da inferência da melhor explicação. Este ponto (iii) é talvez o que possa suscitar maior polêmica.

Em primeiro lugar, o próprio van Fraassen apela à metodológica científica em seu (breve) exame do caso Millikan. Em segundo lugar, seria curioso que não o fizesse; o contexto da produção de van Fraassen é posterior ao surgimento da chamada concepção historiográfica (que inicia nos anos 60 do século XX), a qual, mesmo não sendo sempre seguida por vários filósofos (dentre eles van Fraassen e os realistas científicos), imprimiu em quase todos os filósofos o sentimento de que a prática científica deve ser de algum modo considerada em suas argumentações. Em terceiro lugar, e aqui mantemos nossa crítica a van Fraassen, é bastante cômodo se comportar como um oponente apenas no campo lógico quanto ao realismo quando lhe convém e apelar à prática científica quando lhe convém.

Apresentados estes três pontos destacados, enfatizamos o objetivo de nosso artigo original, o qual era apontar os quatro níveis diferentes da crítica de van Fraassen à inferência da melhor explicação, bem como mostrar as origens (em 1980) de seu célebre argumento do conjunto defeituoso (um dos níveis apresentados), o qual aparece, nos críticos de van Fraassen, como tendo surgido apenas em 1989 (e, até onde sabemos, identificar o argumento do conjunto defeituoso como tendo sido engendrado já em 1980 é algo inédito na literatura – bem como acreditamos ser inédita nossa apresentação da distinção de níveis).

Além disso, nossa, digamos, “crítica” a Van Fraassen em nada desmerece o trabalho deste grande filósofo da ciência, cujas contribuições são notáveis.

Por fim, agradecemos à atenta leitura de Alessio Gava e sua resposta. Entende-se que ela engrandece o debate e permite, aos filósofos da ciência no Brasil, uma melhor compreensão das teses do empirismo construtivo.

Referências Bibliográficas

GAVA, A. Van Fraassen, A Inferência da Melhor Explicação e a Matrixrealista. *Problemata*, v. 10, n. 1, 2019.

MINIKOSKI, Debora Domingas; SILVA, Marcos Rodrigues da. Van Fraassen e a inferência da melhor explicação”. *Problemata*, v. 7. n. 1, 2016.